

Orinoco. *Pensamiento y Praxis*/ Año 10 / Nro 14/ Pp. (88). Multidisciplinarias/ISSN 2244-8314/ Organismo responsable. Asociación Fraternidad y Orientación Activa/ Editorial. Fondo Editorial ORINOCO Pensamiento y Praxis. Indizada/Resumida en los directorios de Latindex Folio 22927, adherida a la Red Latinoamericana de Revistas Académicas en Ciencias Sociales y Humanidades (LatinREV) de FLACSO Argentina y en Dialnet de la Universidad de la Rioja. Ciudad Bolívar. República Bolivariana de Venezuela.

O PAPEL DE UMA EDUCAÇÃO FREIRIANA NO ENFRENTAMENTO À DESIGUALDADE SOCIOAMBIENTAL: ANALISANDO O CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID-19¹

Autores: Fellipe Rojas Vasques², Iury Lima Nakaoshi³ y Ivan Fortunato⁴

Resumo

Este trabalho busca promover uma análise bibliográfica sobre como políticas de não preservação ambiental, impulsionadas pelo neoliberalismo, que menospreza os direitos humanos e institucionaliza a desigualdade social, estão relacionadas com o desenvolvimento da covid-19 e os seus efeitos nefastos.

Esses efeitos, que não decaem de maneira igualitária nas diferentes classes sociais, empurram cada vez mais as populações carentes para um estágio de maior exposição ao

¹ Para citar este artículo de investigación:

Rojas, F., Lima, I., Fortunato, I. (2021) “O papel de uma educação Freiriana no enfrentamento à desigualdade socioambiental: analisando o contexto da pandemia da covid-19” *Revista Orinoco Pensamiento y Praxis/ Multidisciplinarias/ ISSN 2244-8314*. 09 (14), pp. 88-112.

² Licenciando em Línguas, Literaturas e Culturas pela Faculdade de Letras da **Universidade do Porto, Portugal**

fellipe.rojas@hotmail.com, <https://orcid.org/0000-0002-7947-5708>

³ Licenciando em Física pelo **Instituto Federal de São Paulo – campus Itapetininga – Brasil**

nakaoshi.iury@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0001-6937-6717>,
<https://lattes.cnpq.br/2402689126287380>

⁴ Doutorado em Geografia (Unesp, 2014). Doutorado em Desenvolvimento Humano e Tecnologias (Unesp, 2018). Professor do **Instituto Federal de São Paulo – campus Itapetininga – Brasil**,
ivanfrt@yahoo.com.br, <https://orcid.org/0000-0002-1870-7528>,
<https://lattes.cnpq.br/8293044394759438>, <https://ivanfortunato.webnode.com>

vírus e, conseqüentemente, maiores contágios e mortes. O mesmo sentido exploratório se aplica aos países do Norte do mundo que, historicamente, oprimem as populações do Sul global e, por meio de uma corrida desigual e capitalista pelas vacinas da covid-19, perpetuam esse sistema cruel, deixando inúmeros países sem condições de se vacinarem. Ao cumprir com o objetivo deste trabalho, que busca introduzir a ótica de Paulo Freire nas complexidades por traz da pandemia de covid-19, pode-se concluir que apenas com uma educação emancipadora, libertária e igualitária, podemos resistir á essa crescente onda de desumanização, que normaliza as desigualdades sociais e raciais que acarreta a morte de milhões de pessoas.

Palavras-chave: Paulo Freire, ambiente, educação ambiental, covid-19.

EL PAPEL DE LA EDUCACIÓN FREIRIANA PARA ENFRENTAR LA DESIGUALDAD SOCIOAMBIENTAL: ANALIZAR EL CONTEXTO PANDEMICO DE COVID-19

Resumen

Este trabajo cualitativo busca promover un análisis bibliográfico de cómo las políticas de preservación no ambiental, impulsadas por el neoliberalismo, que menosprecia los derechos humanos e institucionaliza la desigualdad social, se relacionan con el desarrollo del covid-19 y sus efectos nocivos. Estos efectos, que no declinan por igual en las distintas clases sociales, empujan cada vez más a las poblaciones necesitadas hacia una etapa de mayor exposición al virus y, en consecuencia, mayores contagios y muertes. El mismo sentido exploratorio se aplica a los países del norte del mundo que históricamente oprimen a las poblaciones del sur global y, a través de una carrera desigual y capitalista por las vacunas del covid-19, perpetúan este cruel sistema, dejando a innumerables países sin la posibilidad de vacunarse. Siguiendo el objetivo del trabajo, que introduce la perspectiva de Paulo Freire sobre las complejidades detrás de la pandemia del covid-19, se puede concluir que solo con una educación emancipadora, libertaria e igualitaria podremos resistir esta

creciente ola de deshumanización, que normaliza las desigualdades sociales y raciales que ocasionan la muerte de millones de personas.

Palabras clave: Paulo Freire, medio ambiente, educación ambiental, covid-19.

THE ROLE OF FREIRIAN EDUCATION IN FACING SOCIO- ENVIRONMENTAL INEQUALITY: ANALYZING THE PANDEMIC CONTEXT OF COVID-19

Abstract

This qualitative paper seeks to promote an bibliographic analysis of how policies of non-environmental preservation, driven by neoliberalism, which disparages human rights and institutionalizes social inequality, are related to the development of covid-19 and its harmful effects. These effects, which do not decline equally in the different social classes, push the needy populations more and more towards a stage of greater exposure to the virus and, consequently, greater contagions and deaths. The same exploratory sense applies to countries in the North of the world that historically oppress populations in the global South and, through an unequal and capitalist race for vaccines from covid-19, perpetuate this cruel system, leaving countless countries unable to get vaccinated. When fulfilling the objective of this work, which seeks to introduce the perspective of Paulo Freire in the complexities behind the covid-19 pandemic, it can be concluded that only with an emancipatory, libertarian and egalitarian education, we can resist this growing wave of dehumanization, which normalizes the social and racial inequalities that causes the death of millions of people.

Keywords: Paulo Freire, environment, environmental education, covid-19.

Introdução

Este trabalho busca promover uma análise sobre como políticas de não preservação ambiental, impulsionadas pelo neoliberalismo, que menospreza os direitos humanos e

institucionaliza a desigualdade social, estão relacionadas com os seus efeitos nefastos do desenvolvimento da pandemia da covid-19, cuja curva de contágio saiu do controle das autoridades sanitárias em março de 2020 e continua devastando vidas até esse primeiro quartil de 2021. E a pandemia está longe de estar sob controle; estamos promovendo a escrita deste artigo no mês de abril, qualificado pelos noticiários como “o mês mais letal da pandemia no Brasil⁵”.

Como rota de fuga, buscamos ancoradouro na esperança e utopia de Paulo Freire, cujas andanças pelo mundo estiveram sempre assentadas por práticas educativas de conscientização, libertação e transformação. Apoiados em seus ideais, buscamos meios de resistência, recordando sempre que *se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda e educação não transforma o mundo; educação muda as pessoas; pessoas transformam o mundo*. Essas são duas frases contundentes de Paulo Freire que se tornaram bordões e epígrafes da educação, mas, se efetivamente forem compreendidas á luz da proposta de emancipação da qual Freire nunca se furtou, as encontramos como meio fundante de resistir á opressão e á desigualdade que não respeitam a vida.

Com a crescente extração de recursos naturais em prol do desenvolvimento econômico, inúmeras consequências negativas podem ser observadas na sociedade, mesmo que se tentem transferir essa culpa para a população que, como engrenagem do sistema capitalista, na maioria das vezes apenas luta para sobreviver no mundo desigual (Nakaoshi, Vasques e Fortunato, 2021). Segundo Nunes (2020), o neoliberalismo, baseado na primazia do mercado, na competição, na intervenção estatal mínima e na eficiência do setor privado, concretiza-se em uma exploração dos mecanismos governamentais sobre a população, através de uma dinâmica que deslegitima a saúde, os direitos fundamentais, e reitera uma necessidade de uma política de austeridade, conciliada com uma série de privatizações, dificultando a real sobrevivência das camadas sociais.

⁵ Notícia disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/04/24/abril-se-torna-o-mes-mais-letal-da-pandemia-no-brasil.ghtml>, acesso 24 abr. 2021.

A crise da covid-19 foi caracterizada por inúmeros estudiosos como um “consequente transbordamento de patógenos que habitavam exclusivamente na vida selvagem para animais domésticos e seres humanos, sendo essa uma das explicações da propagação do SARS (Síndrome Aguda Respiratória Grave) e do vírus causador da Covid” (Nascimento et. al. 2021, p. 6889). Ao atribuir o “signo ‘lucro’ á natureza” (Nakaoshi, Vasques e Fortunato, 2021), o sistema neoliberal mantém a lógica do consumo excessivo, se tornando cada vez mais insustentável para o planeta Terra, que já sofre uma situação de emergência climática nunca antes vista.

Ao analisar a situação da crise da covid-19 no mundo e principalmente nos países subdesenvolvidos, é notório que as consequências da pandemia afetam muito mais as classes sociais menos favorecidas, que são compostas principalmente por negros e negras, historicamente subjugados. Ainda:

Aliado a isto, o racismo também condiciona a adoção de medidas preventivas para Covid-19, considerando que o distanciamento social, a principal medida elencada pela Organização Mundial de Saúde (WHO, 2020), não é um privilégio de todos, em especial no Brasil, onde negras e negros representam a maioria dos trabalhadores informais, de serviço doméstico, comercial, da alimentação, transporte, armazenamento e correio, que se mantiveram ativos, mesmo durante a pandemia. (Goes, Ramos e Ferreira, 2020, p. 4).

Naomi Klein (2007) estabelece uma crítica ao sistema neoliberal, que acaba por subjugar a população carente em prol da concentração de renda em casos de emergência pública. Exemplos claros dessa realidade, apresentados pela autora em seu trabalho “Doutrina do Choque”, foram as ditaduras militares ocorridas na América Latina e aplicadas cruelmente pelos respectivos exércitos, que acabaram por favorecer a distribuição de rendas para os controladores do capital.

Assim, podemos traçar uma relação com a situação vivida em tempos de crise sanitária causada pela covid-19 que, ao Brasil, trouxe 10 novos bilionários em 2021 (Calais, 2021), enquanto a população acaba por sofrer as consequências sociais e econômicas da crise: elevação do número de desempregados, aumento de mortes relacionadas á doença, a volta do país para o mapa da fome etc. É importante deixar claro que a base da opressora neoliberal é a mais afetada na aplicação da “Doutrina do Choque” no Brasil.

Ao criar uma relação com Paulo Freire, defendemos que apenas com uma ótica humanitária, que incentiva a educação crítica e libertária, podemos sair das desigualdades que perpetuam o ciclo da opressão. Ao defender uma sociedade mais justa e menos opressora – calçada pela educação freiriana como fundação – se torna clara a necessidade da quebra da barreira da desigualdade, que cria futuros opressores, caminhando assim rumo a um mundo mais justo e menos desigual.

A violência dos opressores que os faz também desumanizados, não instaura uma outra vocação – a do ser menos. Como a distorção do ser mais, o ser menos leva os oprimidos, cedo ou tarde, a lutar contra quem os fez menos. E esta luta somente tem sentido quando os oprimidos, ao buscar recuperar sua humanidade, que é uma forma de criá-la, não se sentem idealisticamente opressores, nem se tornam, de fato, opressores dos opressores, mas restauradores da humanidade em ambos. E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores. (Freire, 1968, p. 20).

Sendo assim, nosso objetivo com este escrito é o de denunciar a opressão neoliberal que gera e mantém desigualdades, reforçando a necessidade de se basear nos esforços políticos da educação crítica, conforme os predicados do patrono da educação brasileira, Paulo Freire. Para atingir nosso objetivo, o artigo foi organizado em cinco seções, começando pela (I.) relação entre pandemias a degradação ambiental, passando pela (II.) relação entre os efeitos negativos da pandemia pelas distintas classes sociais e, em seguida, por (III.) uma discussão geopolítica das vacinas. Avançamos para (IV.) uma análise da pandemia da covid-19 no Brasil, finalizando com (V.) uma perspectiva de esperança pela educação freiriana contra toda opressão e injustiça, vividas há tempos, mas ampliadas pela pandemia.

Ao final, fica a expectativa de que, ao apreender cada vez mais os propósitos freirianos, possamos avançar nos seus passos pioneiros. Mesmo cientes da batalha que temos, não podemos deixar o pessimismo das circunstâncias subjugar a esperança.

Da relação entre o modelo capitalista, a degradação ambiental e a pandemia

Para um mundo que se pretende livre de novas pandemias, após sucessivos episódios similares de letais zoonoses, repensar a produção alimentícia humana é uma circunstância premente de defesa da saúde pública. (Lima, 2020, p. 108).

Ao analisar a forma como a sociedade capitalista se desenvolve historicamente, baseada na extração desenfreada de recursos naturais, e a degradação ambiental impulsionada por grandes indústrias, é necessário relacionar o surgimento de doenças zoonóticas (aquelas transmitidas aos seres humanos pelos animais) com essa interferência na natureza, ocasionadas pelo desequilíbrio ecológico. Já é sabido que tais doenças surgem a partir de “fatores como o desmatamento, caça e outras mudanças no uso do solo, a intensa produção agrícola e pecuária, as mudanças climáticas e o comércio ilegal ou irregular de animais silvestres” (Peneluc apud Nascimento et al., 2020, p. 6891).

Outro fator que relaciona o surgimento de doenças com os desequilíbrios ambientais é a invasão humana em áreas selvagens, que gera um aumento do contato entre as espécies. Isso é materializado através do desmatamento, da atividade pecuária intensiva e do aumento de zonas agrícolas, que cresce exponencialmente a cada ano. Como já anotamos anteriormente:

Boa parte dessas áreas queimadas acabam por se tornar pastos e plantações que em sua grande maioria acabam por ter como finalidade a alimentação e/ou criação de animais de abate. Um dado trazido pela WWF (s/d) mostra que 79% da soja produzida no mundo é destinada à ração animal. Na safra de 2016/2017, o cultivo ocupou uma área de 33,89 milhões (EMBRAPA, s/d) de hectares e devido ao aumento do consumo, mais áreas acabam por ser necessárias, ocasionando assim queimadas ilegais e descontroladas que acabam por assolar regiões importantes para o controle de temperatura mundial. (Nakaoshi, Vasques, Fortunato, 2021, s.p.)

Seguindo com a reflexão, podemos apontar a indústria alimentar, com devido enfoque à indústria da carne, cujo controle (ou falta de) da produção se tornou responsável pelo aumento de diversos agentes patogênicos nocivos à saúde e à vida, tais como os que cita Freidberg (1998 apud Mateus, 2009, p. 7), por exemplo: “a *Escherichia Coli* (*E.coli*) e *Salmonella*”.

Indo além, a maioria das doenças infecciosas de animais que podem ser transmitidas a seres humanos, conhecidas como zoonoses, estão ligadas ao consumo de animais. Diversas doenças, no decorrer da história, foram causadas por essa quebra do habitat

natural do animal, e a introdução dele no contexto humano, como podemos ler na citação a seguir:

Hoje, a maioria das zoonoses está ligada á criação e consumo de animais. Em nações em desenvolvimento, treze zoonoses provenientes de porcos, galinhas e bois estão associadas a cerca de 2,4 bilhões de casos de infecção humana e mais de dois milhões de mortes todos os anos. (Schuck e Ribeiro, 2015, p. 30 apud Lima, 2020, p. 94-95).

Deve-se levar, então, em consideração, o fato de que a própria interferência humana desenfreada na natureza causa, além de diversas degradações ambientais provenientes de inúmeros contextos diferentes, um maior impacto socioambiental nas classes sociais menos favorecidas, como já exploramos em trabalho anterior (Nakaoshi, Vasques e Fortunato, 2021). Partindo dessa perspectiva, pode-se incluir também a vulnerabilidade sanitária proveniente de uma má relação entre ser humano-natureza, como vimos nos dados a seguir, por exemplo:

Em países pobres da África e Ásia, 7% dos animais estão infectados com tuberculose (3% a 10% dos casos de tuberculose em seres humanos têm origem zoonótica) e mais de um quarto dos animais mostram indícios de contaminação por leptospirose (e atuam, portanto, como reservatório desse patógeno) e por bactérias responsáveis por doenças bacterianas de origem alimentar, como as infecções por Salmonella, Campylobacter e Listeria. (Mutua et al., 2012 apud. Shuck e Ribeiro, 2015, p. 30)

Esses exemplos pinçados da situação sanitária provocada pela industrialização é apenas parte de uma cadeia complexa de causas e consequências. Não podemos negar que há consequências positivas, inclusive, mas essas são muito mal distribuídas pelo planeta. Além disso, é importante ressaltar que a evolução do sistema industrial-capitalista constrói uma ilusória relação sustentável. Defendemos que “a aplicação capitalista do termo sustentável é insustentável, já que não sustenta a definição do termo em si” (Nakaoshi, Vasques e Fortunato, 2021, s.p.), tornando-se insustentável também para o bem-estar da espécie humana.

Essa insustentabilidade tem sido vivida insanamente no contexto da pandemia da covid-19 desde o começo de 2020, estendendo-se até abril de 2021 quando escrevemos este artigo e, provável e lamentavelmente, prolongando-se ainda por mais alguns meses.

Embora não se possa precisar a origem da covid-19, há indícios que dão suporte á hipótese de ser mais uma zoonose que atinge de forma brutal a humanidade (Córdoba-Aguilar et al 2021; Nun, 2020; Campello e Oliveira, 2020; Silva e Lopes, 2020; Welle, 2020). E, mais uma vez, os efeitos negativos da excessiva interferência humana na natureza se revela problemática.

Além disso, não podemos deixar de anotar que a globalização também é responsável pela pandemia, principalmente se pensarmos na mobilidade das pessoas pelo planeta. Deisy Ventura (2020, apud Cambricoli, 2020) explica a relação da globalização com a propagação de doenças: “Com mais tecnologia, o tráfego de pessoas é cada vez mais intenso. No ano passado, foram 1,5 bilhão de viagens internacionais. É um cenário internacional de propagação de doenças”. (Ventura, 2020 *apud*. Cambricoli, 2020, s.p)

Vimos, ao longo desta seção, que há uma correlação entre os problemas sanitários decorrentes das zoonoses e como tais problemas são criados ou exponencializados como efeito colateral da industrialização predatória que mantém o sistema capitalista neoliberal. Sistema que tem sido há muito tempo o *modus operandi* social, gerando um modelo de sociedade insustentável á espera de um colapso.

Uma questão de fundo nisso tudo é que os problemas insustentáveis da sociedade não são distribuídos de forma equitativa, pelo contrário, pois há grandes fossos que separam as pessoas que têm das que não têm – acesso á saúde, alimentação, educação, moradia, saneamento, trabalho digno etc. etc. A pandemia da covid-19 não é diferente. Por isso, dedicamos a próxima seção para discutir tais diferenças.

Como a pandemia afeta as classes sociais de formas diferentes?

(...) o neoliberalismo cria uma ficção matemática que beneficia certos agentes econômicos, ao mesmo tempo que se reduzem ou desaparecem os recursos destinados a assistência, a previdência e a proteção social. Para que essa máquina distópica possa funcionar, é necessário que se multipliquem técnicas destinadas a transformar radicalmente o mundo do trabalho. Impõe-se, assim, um tipo de trabalho que, além de debilitar as solidariedades coletivas, instaura o reino da flexibilidade laboral, com seus contratos temporários, com a individualização dos salários, com a aparição de avaliações permanentes, além da fixação de metas e objetivos a serem atingidos. Essa nova forma de organização do trabalho supõe e

precisa criar estratégias de "responsabilização" individual, transformando cada trabalhador em um sujeito responsável por seus êxitos e seus fracassos, independentemente dos contextos sociais de formação e de existência (...) E é nesse mundo de precariedade laboral, nesse mundo onde o Estado está ausente, pois já renunciou a sustentar redes de assistência, de saúde pública e de proteção social, é nesse mundo que surge a pandemia de Covid-19. (Caponi, 2020, p. 218).

Através de uma análise qualitativa sobre os desdobramentos da pandemia da covid-19, é notório ressaltar os respectivos impactos e as formas distintas com que eles atingem as diferentes classes sociais. A partir de uma ótica que entende uma relação freiriana de oprimido-opressor, entende-se como opressão a falta da aplicação de políticas sanitárias, sociais, econômicas e humanitárias. Ou o sistema colapsa com o isolamento social e o fechamento do comércio e serviço, ou a estrutura de saúde colapsa, sem capacidade de atendimento aos doentes. Temos, então, uma clara prova do mal funcionamento do sistema capitalista neoliberal.

Embora o vírus possa contaminar qualquer pessoa em qualquer lugar do planeta, é falso afirmar que as condições básicas para o enfrentamento da pandemia são igualitárias. O Brasil, por exemplo, tem lidado de forma muito mal com seus projetos políticos; aliás, tem tratado tudo isso da pior forma possível, acentuando as desigualdades sociais e raciais. Goes, Ramos e Ferreira (2020) retratam a forma que os impactos sociais e sanitários causados pela covid-19 acabam por atingir de forma mais cruel populações em classes sociais desfavorecidas. Como exemplo, podemos citar o privilégio em poder seguir "a principal medida elencada pela Organização Mundial de Saúde" (Goes, Ramos e Ferreira, 2020, p. 4), qual seja, a estratégia de "ficar em casa". Analisando a perspectiva brasileira, existe um número enorme de trabalhadores informais, "de serviço doméstico, comercial, da alimentação, transporte, armazenamento e correios" (Goes, Ramos, Ferreira, 2020, p. 4). Esses profissionais não possuem o verdadeiro privilégio de aplicar o isolamento social em suas próprias realidades, necessitando, portanto, de políticas públicas que deveriam auxiliar na subsistência humana.

É notório que a lógica de mercado prevalece sobre a preservação dos direitos humanos, o que demonstra uma grave crise na forma que a sociedade é estruturada, indo contra o próprio discurso das Nações Unidas no que diz respeito ao enfrentamento da

pandemia da covid-19. Além disso, “o momento representa um verdadeiro desafio global que exige o respeito irrestrito às normas de direitos humanos”, explica Caponi (2020, p. 214)

Naomi Klein (2007) expõe o proveito do mundo capitalista em momentos de desastre, o que serve de base para distribuição de renda de forma desigual, privilegiando os mais ricos. Podemos esboçar um elo com a situação da pandemia da covid-19, um desastre mundial que é explorado pelo mundo neoliberal, a qual “(...) cria a oportunidade para a implementação de medidas de cariz neoliberal que favorecem os interesses das elites em detrimento das camadas mais desfavorecidas da população” (Pavel, 2020, p. 205). Assim, podemos verificar que o já mencionado surgimento de 10 novos bilionários no Brasil, em 2021 (Calais, 2021), contrasta com a realidade da crise da pandemia vivida no país. Além do acréscimo notório dos números de mortos e infectados pelo vírus, a pandemia traz também um aumento no número de desempregados e de empregados informais, ou seja, de “trabalhadores que são privados de condições básicas ou mínimas de trabalho e proteção social” (Costa, 2020, p. 971). Isso sem contar que boa parte desses empregados são negros ou negras, o que faz perpetuar o racismo estrutural – outro grande problema social e de Direitos Humanos do país.

Se bem que essa questão não é exclusividade do Brasil. Adentrando o contexto norte-americano, pode-se exemplificar a existência de uma racialização dos impactos da pandemia da covid-19 nos Estados Unidos, o que retrata uma desigualdade social e racial, que vai na contramão de uma concepção democrática. Vejamos:

Em Michigan, por exemplo, onde os afro-americanos são 14% da população, eles representam mais de 30% dos casos positivos da Covid-19 e mais de 40% das mortes. Já em Chicago, os afro-estadunidenses – 29% da população da cidade –, representam 70% das mortes por Covid-19 (Milam et al., 2020; Einhorn, 2020 apud. Goes, Ramos e Ferreira, p. 3)”. Na cidade de Illinois, os afro-americanos representam alarmantes 38,1% das mortes por coronavírus e 24,2% dos casos confirmados – ambos desproporcionais á sua parcela da população. No entanto, apenas 13,2% dos testados são negros, sugerindo que os afro-americanos estão sendo drasticamente mal atendidos pelo esforço para controlar a propagação da doença. (Goes, Ramos e Ferreira, 2020, p.3)

Mas, no caso do Brasil, isso se torna ainda mais complicado por conta da fragilidade econômica existente, assim como internas crises políticas e sociais que subjugam as classes menos favorecidas e prejudicam a vivência humana com direitos fundamentais, por meio de políticas de desmonte na educação, saúde e segurança.

Afirmamos então que, mesmo que a pandemia afete a humanidade como um todo, é a camada mais vulnerável da sociedade que sente os efeitos que vão além da contaminação e falta de cuidados sanitários. Santos et al (2020, p. 207) levantam dados de 2019 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o IBGE, ditando que a população negra representa parcela significativa de comunidades inclusas em situação de vulnerabilidade social, como por exemplo:

(...) comunidades tradicionais, quilombolas, ribeirinhas, de pescadores artesanais, dos que vivem em situação de rua, das pessoas privadas de liberdades, das que vivem na extrema pobreza e em domicílios que não respondem aos padrões de habitabilidade (Santos et al., 2020, p. 207).

Dessa forma, é notório ressaltar o quanto uma pandemia é destroçadora em um país cuja desigualdade social é aterrorizadora. Nessa lista, também podem ser incluídos:

(...) trabalhadores que dependem do lixo reciclável ou não; empregadas domésticas, cuidadoras de idosos, idosos negros, pessoas em situação de insegurança alimentar, com dificuldades de acesso á serviços e equipamentos de saúde, assistência social e educação. (Santos et. al, 2020, p. 207)

Embora existam medidas profiláticas á contaminação do vírus, como o isolamento social, ou o distanciamento entre as pessoas, uso de máscaras e higienização constante das mãos, tais medidas não têm contido a pandemia que, pelo menos no Brasil, só tem visto aumento de casos. Resta-nos, então, que a salvação da vida humana venha por meio da vacinação da população. Todos serão vacinados? Em tempo?

Geopolítica das vacinas

Organizações como Oxfam, Anistia Internacional, Unaides e Global Justice Now se reuniram na coalizão People's Vaccine Alliance (Aliança da Vacina do Povo, em

tradução livre), advogando que os imunizantes contra covid devem ser considerados bens públicos e estar disponíveis para todas as pessoas, em todos os países, sem custo. A aliança denuncia que países ricos, tais como Estados Unidos, Reino Unido e os membros da União Europeia, estão bloqueando a discussão na Organização Mundial do Comércio (OMC) de proposta de mais de 100 países em desenvolvimento para quebrar o monopólio das farmacêuticas e garantir a produção em escala de vacinas. (Dominguez, 2021, p. 25).

Um fator que pode ser abordado em nossa análise é o movimento geopolítico em prol das vacinas, que é nada igualitário. Seguindo uma antiga lógica imperialista já vista na história (Luce, 2014), diversos países do Norte do mundo, de maneira desigual, tendem a exercer maior controle sobre o desenvolvimento das vacinas, e conseqüentemente, sua aplicação na sociedade.

Dominguez (2021) traz palavras de Winnie Byanyima, diretora executiva do Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/AIDS (UNAIDS) e subsecretária-geral das Nações Unidas a respeito das lideranças mundiais fazendo filas para declarar qualquer vacina contra a covid-19, no ano passado. É como se fosse uma corrida para ver quem desenvolveria a melhor vacina, de forma mais rápida. Hoje em dia, em abril de 2021, vendo a população sendo vacinada a passos lentos, podemos dizer que “somos testemunhas de um apartheid das vacinas que serve unicamente aos interesses de poderosas e lucrativas corporações farmacêuticas, ao mesmo tempo em que custa a cada um de nós o mais rápido e menos danoso caminho de saída dessa crise” (Dominguez, 2021, p. 20).

É notória a importância dessa afirmação, para que se consiga entender a forma geopolítica que está sendo aplicada à questão da vacinação da covid-19, empurrando os países mais pobres para o fim da fila e, conseqüentemente, para um maior colapso hospitalar, social, econômico e até mesmo funerário. O diretor-geral da Organização Mundial da Saúde (OMS), Tedros Adhanom Ghebreyesus, em artigo publicado no portal Foreign Policy no dia 2 de fevereiro, denunciou que os países ricos conseguiram comprar mais de 60% do suprimento de vacinas, mesmo abrigando 16% da população mundial (apud Dominguez, 2021, p. 20). E ainda reitera sobre o quão cruel é essa lógica, afirmando: “Nacionalismo da vacina não é apenas moralmente indefensável. É epidemiologicamente autodestrutivo e clinicamente contraprodutivo” (Ghebreyesus apud Dominguez, 2021, p. 20).

Indo além, Dominguez (2021) traz um pouco das palavras de Carlos Passareli, assessor sênior para acesso a medicamentos do UNAIDS (*The Joint United Nations Programme on HIV/AIDS*), permitindo traçar um possível paralelo entre o que foi a pandemia da AIDS, e o que vivemos hoje com o coronavírus. “O que estamos vivendo com a Covid-19 é o que vivemos no começo da aids, que tem a ver com o tema da iniquidade” (Passareli apud Dominguez, 2021, p. 22). E o assessor ainda reitera sua importante crítica, mostrando que só foi obtida resposta ao HIV/AIDS quando as ações foram baseadas no marco dos Direitos Humanos. Portanto é imprescindível, neste atual contexto de crise humanitária, considerar com bens públicos globais as vacinas e os insumos para produzi-las, medicamentos, equipamentos hospitalares, acesso á alimentação, saúde pública etc. Como registrou o autor:

Diversos países ricos planejam vacinar 70% de sua população adulta até o meio do ano, em busca da imunidade de rebanho. Mas o Covax⁶ vem se debatendo para conseguir comprar doses suficientes para cobrir apenas 20% dos países de baixa renda até o final de 2021’, comparou Tedros Adhanom Ghebreyesus, Diretor-Geral da Organização Mundial da Saúde (OMS). (Dominguez, 2021, p. 24).

Assim, cabe a reflexão: se nem mesmo em situações extremas de crise mundial e de colapso hospitalar a lógica capitalista neoliberal é deixada de lado, quem dirá nos momentos considerados de normalidade. Segundo Gabriela Bucher (apud Dominguez, 2020, p. 25), diretora executiva da Oxfam Internacional, “ao permitirem que um pequeno grupo de empresas farmacêuticas decidam quem vive e quem morre, os países ricos estão prolongando essa emergência de saúde global sem precedentes e colocando inúmeras vidas a mais na linha”. Por isso, completa afirmando: “Neste momento crucial, os países em desenvolvimento precisam de apoio e não de oposição”.

O Brasil está nesse rol de países que precisam de apoio. Entre a falta de políticas públicas e a inclinação ao fascismo que vem se delineando no cotidiano, o país padece diante a pandemia. De março de 2020, quando tudo começou a ficar sério, até abril de

⁶ De acordo com Maria Tereza Santos (2021), “Covax é um programa criado em 2020 pela OMS para ampliar a distribuição dos imunizantes para a Covid-19 para os países subdesenvolvidos.” Disponível em: <https://saude.abril.com.br/medicina/o-que-e-a-iniciativa-covax-contra-a-covid-19-e-como-ela-funciona/>. Acesso em 26 abr. 2021

2021, o que se conseguiu foi aumentar progressivamente o número diário de infectados, de mortos e de pessoas ultrapassando o limite inferior de pobreza.

Brasil na pandemia da covid-19

Particularmente, no que se refere á pandemia, esse negacionismo se traduz na aceitação de intervenções sem validação científica, como a divulgação e exaltação de uma terapêutica de eficácia não comprovada e com efeitos colaterais extremamente sérios como a cloroquina, ou a defesa de um estratégia de intervenção que contraria a posição da Organização Mundial de Saúde (OMS), denominada por Bolsonaro como “isolamento vertical”. Trata-se de fato de duas estratégias solidárias. (Lowy e Berlivet, 2020 apud Caponi, 2020, p. 211).

Apesar do Brasil não ter contido a onda de contágio e mortes pela covid-19, pelo contrário, ter alcançado progressivamente números de infectos cada vez maior, ainda existe no país grande parcela da população que nega a existência de uma doença capaz de dar fim á humanidade, de forma rápida e bruta.

A crescente onda de negacionismo por parte da população tem como exemplo o Executivo Brasileiro, que, ao invés de incentivar as formas legais e recomendadas pela Organização Mundial de Saúde no combate á pandemia da covid-19, prefere utilizar métodos ineficazes, e apostar na descredibilização do uso de máscaras, por exemplo. Como já foi delineado, a maioria das mortes na pandemia são de pessoas de classes sociais mais vulneráveis. Tendo isso em conta, é notório ressaltar que a preservação dos Direitos Humanos não está sendo garantida, nem mesmo neste momento de crise. Vejamos o seguinte:

Em primeiro lugar é preciso analisar questões epistemológicas que estão diretamente vinculadas a uma crescente aceitação social do negacionismo científico e á desconsideração de argumentos racionais em diversos âmbitos, desde o terraplanismo até a condenação á mal chamada ideologia de gênero, passando pelo criacionismo e pela rejeição ás ciências humanas e sociais. Esse negacionismo que foi adotado pelo atual governo já na campanha eleitoral, com seu desprezo pelas universidades, pela pesquisa científica, pelos direitos das populações vulneráveis, pelas comunidades indígenas, LGBT, populações de rua, mulheres em situação de violência etc, maior necessidade de um Estado presente que garanta o exercício dos direitos. (Lowy e Berlivet, 2020, apud. Caponi, p. 210-211).

Neste mês de abril de 2021, o Brasil continua registrando altíssimos números de casos e mortes devido ao covid-19, tendo o vírus matado mais pessoas até o mês de abril de 2021 quando comparado ao número de mortos de 2020⁷. Seguindo a direção contrária a tudo que é dito e feito no mundo, o país continua atuando da pior forma possível no combate a pandemia, ignorando completamente o número exacerbado de mortes diárias. Como foi afirmado:

O governo brasileiro passou a não seguir as recomendações feitas pela Organização Mundial de Saúde e pelo seu próprio Ministério da Saúde. Além disso, não tem demonstrado liderança, nem se comunicado como é esperado, com os entes federativos – estados e municípios – em se tratando do enfrentamento a uma pandemia. (Santos et al., 2020, p. 229).

O Brasil segue uma lógica ilusória de “combate” ao vírus parecida com a que vinha sendo adotada por Donald Trump, nos Estados Unidos, onde já morreram mais de 500.000 pessoas de covid-19⁸. Esse negacionismo, que afeta cruelmente a população, e destrincha a desigualdade social do país, é materializado pelo governo federal, como vimos na seguinte citação:

Vale acrescentar que essa postura do chefe do governo tem influenciado negativamente o comportamento da população ante as recomendações de distanciamento e isolamento social, o que fez crescer de forma acentuada o número de infectados, as hospitalizações e mortes pelo vírus. (Santos et al., 2020, p. 229).

Caponi (2020) ainda se aprofunda sobre a responsabilidade do governo federal na atual situação da pandemia no Brasil, que atinge diretamente a classe social menos favorecida, majoritariamente negra. Alguns informam até se tratar de um “genocídio” (Rosário, 2020; Santos, 2020; Alencar Jr., 2020), o qual ocorre, principalmente, por uma lógica econômica sustentada pela ideia de que o Brasil não pode parar.

Dessa experiência podemos deduzir que o governo brasileiro atenta contra a vida da população quando estimula a participação de fiéis nas igrejas, quando desiste de controlar os transatlânticos com turistas, quando se nega a impor a quarentena a

⁷ Notícia disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/04/26/brasil-registra-1279-novas-mortes-por-covid-e-passa-de-392-mil-obitos-na-pandemia.ghtml>, acesso em: 28 abr. 2021.

⁸ Notícia disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/02/22/eua-chegam-a-500-mil-mortes-pela-covid-19.ghtml>, acesso em 28 abr. 2020

pessoas que chegam aos aeroportos de países afetados pela pandemia, quando desrespeita os prefeitos e governadores que estão fazendo todos os esforços para manter a população em seus domicílios, quando insiste em que o Brasil não pode parar. (Caponi, 2020, p. 219).

Países que seguem uma lógica neoliberal, como o Brasil, tendem a adotar essa retórica de que “a economia não pode parar”, ao mesmo tempo que reluta em realizar investimentos sociais, e criar projetos de renda mínima universal, o que poderia ajudar a mitigar os problemas oriundos da pandemia. A covid-19 retrata uma falta de resiliência e humanidade do sistema neoliberal e demonstra uma contradição do mesmo, exigindo a “(...) circulação de pessoas mesmo quando esta comprovadamente promove o adoecimento e a morte de uma porcentagem significativa da população” (Nunes, 2020, p. 2). Segundo o autor, a pandemia não é apenas uma crise sanitária ou de saúde pública, pois revela as fragilidades do sistema neoliberal, especialmente no que diz respeito aos Direitos Humanos ou menos a preservação da vida. Por isso:

Atrelado com uma política de austeridade, que prejudica enormemente os avanços sociais, e a economia das pessoas, o neoliberalismo, junto com o negacionismo, é um dos grandes males da sociedade em um contexto de pandemia, que aumenta a desigualdade social e racial de forma cruel, atingindo principalmente as classes sociais mais vulneráveis. (Goes, Ramos e Ferreira, 2020, p. 4).

Enquanto o Brasil se debate entre a ciência e os negacionistas, entre a produção de novos bilionários e os inúmeros empobrecidos, miseráveis e largados à própria sorte, entre uma economia que não pode parar e um sistema sanitário e de saúde que não dá conta de manter a vida... a covi-19 segue vencendo. Estamos perdendo para um inimigo silencioso, invisível e mortal, capaz de causar não apenas a doença que provoca no organismo, mas o colapso de toda uma nação que não sabe para onde ir, ou não quer ir para onde deveria.

Dessa maneira, parece-nos que é preciso manter vivo certo otimismo de que as coisas ficarão bem no enfrentamento da pandemia. Até mesmo um otimismo ingênuo, de pensamento positivo até, pois, com todas as dificuldades cotidianas é fácil padecer e deixar-se lamentar o cenário, sem forças mesmo para as atividades rotineiras. Se há um otimismo que nos mantém, esse é inspirado naquele que não desistiu da humanidade durante sua jornada planetária: Paulo Freire, o andarilho da utopia.

Educação Freiriana como esperança num mundo de pandemia

É por isto que devo lutar sem cansaço. Lutar pelo direito que tenho de ser respeitado e pelo dever que tenho de reagir a que me destratem. Lutar pelo direito que você, que me lê, professora ou aluna, tem de ser você mesma e nunca, jamais, lutar por essa coisa impossível, acinzentada e insossa que é a neutralidade. Que é mesmo a minha neutralidade senão a maneira cômoda, talvez, mas hipócrita, de esconder minha opção ou meu medo de acusar a injustiça? ‘Lavar as mãos’ em face da opressão é reforçar o poder do opressor, é optar por ele. Como posso ser neutro diante da situação, não importa qual seja ela, em que o corpo das mulheres e dos homens vira puro objeto de espoliação e de descaso? (Freire, 2002, p. 57).

Após apresentar complexidades relacionadas a pandemia da covid-19, surge uma pergunta: como tirar proveito das reflexões levantadas, vivendo a práxis sobre fatos consolidados e desmascarados pela crise sanitária? Defendemos a pedagogia freiriana como um caminho de esperança, rumo a utopia, seja para a prevenção de novas pandemias ou mesmo para um melhor controle de situações de crise como a que estamos vivendo. Com a educação freiriana, defendemos um “caminho de esperança rumo á criticidade-liberdade-igualdade-utopia, utilizando como ferramenta a Educação emancipadora, crítica e libertadora, que se extrapola em diversas áreas” (Nakaoshi, Vasques, Fortunato, 2021).

De forma condizente, também defendemos a necessidade da preservação dos Direitos Humanos como ponto inicial e fundamental de qualquer tipo de aplicação política e econômica. Só assim traremos os ideais de Paulo Freire como possível esperança diante o sistema cruel.

A priori, como relatamos em trabalho anterior (Nakaoshi, Vasques e Fortunato, 2021), podemos partir de uma epistemologia freiriana que traça uma relação dialógica ser humano-natureza e não possui, de forma alguma, sentido dualístico, e sim integralizado (Nakaoshi, Vasques e Fortunato, 2021; Dickmann e Carneiro, 2012). Ou seja: ser humano é natureza, e oprimir a natureza é oprimir o ser humano. Dentre diversos fatores que demonstram que a opressão á natureza é opressão ao ser humano, podemos utilizar como exemplo a pandemia da Covid-19, causada e ampliada por uma forte negligência socioambiental e humanitária com fins neoliberais, como explorado em tópicos anteriores.

Nunca, como antes visto, devemos lutar para legitimar a educação freiriana e seu papel libertador, já que os ideais de Paulo Freire estão sofrendo ataques do próprio governo brasileiro, motivados por um conspiracionismo imprudente, como expõe, por exemplo, Melo (2019):

Em primeiro lugar, mobiliza-se a partir de uma reacionária teoria da conspiração de teor obscurantista e que visa constituir um movimento popular contra a escola pública e em favor do fundamentalismo religioso. Em segundo lugar por ter como método procedimentos que solapam o estado de direito, no que contam com a ajuda fundamental das significativas parcelas fascistizadas do judiciário e a leniência do Supremo Tribunal Federal que pornograficamente adiou uma decisão que possa por fim a esse movimento que visa criminalizar os educadores brasileiros. (Melo, 2019, p. 10).

Outro importante ponto a ser ressaltado é a criminalização das universidades, introduzindo um discurso contra os ideais progressistas. Desta forma, é notório ressaltar que não é por acaso que o governo investe em armas, mas quer aumentar a taxaço de livros. Até fora do país aparecem as críticas, como, por exemplo:

Y ahí tenemos en Brasil, hasta hace poco la promesa de una vía progresista en América Latina, a Bolsonaro con su desfasado anticomunismo, pretendiendo cerrar las universidades públicas, en especial las facultades de humanidades, que, según él y sus aliados (...), están atestadas de marxistas, corrompiendo a la juventud y a la sociedad con sus ideas libertarias contra el orden, la familia y la religión⁹. (Bravo, 2020 p. 104).

Ou, ainda, como tudo isso é retratado pelo historiador português Manuel Loff (2019), especialista em regimes autoritários, que observa que o governo brasileiro e seus aliados:

(...) atacam todas as ciências sociais, tudo quanto dizem a sociologia, a antropologia e a história. E no Brasil levou-se isso muito mais longe politicamente, e com mais eficácia, com o movimento Escola Sem Partido, cuja tese é de que todas as ciências sociais são engajadas, militantes, e, portanto, nenhuma delas é objetiva. Todas elas pretenderiam, desde há décadas, minar os fundamentos da natureza, da comunidade, da ordem social: a família, a pátria, a nação etc. (Loff, 2019, online).

⁹ Tradução livre: E aí temos no Brasil, até recentemente, a promessa de uma trajetória progressista na América Latina, o Bolsonaro com seu anticomunismo antiquado, tentando fechar as universidades públicas, principalmente as faculdades de humanidades, que, segundo ele e seus aliados (...), são lotados de marxistas, corrompendo a juventude e a sociedade com suas ideias libertárias contra a ordem, a família e a religião.

Obviamente a proposta dessas ciências sociais não é minar os fundamentos morais, porém, esse tipo de discurso é reproduzido para justificar a introdução de movimentos, como o da Escola sem Partido. É um ataque a todos os ideais freirianos, já que uma escola neutra seria conivente com as injustiças cotidianas do *status quo* perverso. É preciso promover a transformação, voltada a uma mudança que deve seguir rumo a uma realidade mais justa e menos desigual. É como disse Paulo Freire:

Da educação que, não podendo jamais ser neutra, tanto pode estar a serviço da decisão, da transformação do mundo, da inserção crítica nele, quanto a serviço da imobilização, da permanência possível das estruturas injustas, da acomodação dos seres humanos á realidade tida como intocável. Por isso, falo da educação ou da formação. Nunca do puro treinamento. Por isso, não só falo e defendo mas vivo uma prática educativa radical, estimuladora da curiosidade crítica, á procura sempre da ou das razões de ser dos fatos. (Freire, 2000, p. 27)

Com isso, levantamos várias dúvidas: Qual seria o papel da Escola sem Partido, “neutra”, em uma situação de pandemia, que escancara a desigualdade social e racial e subjuga os menos favorecidos? Como esse projeto liderado por um governo que possui bases fascistas, promulgadas por um discurso negacionista, tende a tentar descredibilizar todo o trabalho de conceituadas organizações nacionais e internacionais e de intelectuais especializados? Indo além, como teríamos uma educação que luta por uma situação minimamente estável na crise da covid-19, tendo um governo alinhado com o neoliberalismo, que se fundamenta no “deus mercado”, ignorando a importância dos direitos humanos em prol ao enriquecimento dos protagonistas do capitalismo? Quais reflexões poderiam ser levantadas na situação atual de pandemia por um projeto como o Escola sem Partido, que não direciona o educando a crítica e ao entendimento de sua realidade em prol de uma sociedade mais justa e menos desigual? As respostas para essas reflexões trazem á tona que a Escola sem Partido não é neutra, que não há igualdade na distribuição dos benefícios do neoliberalismo, que o progresso não é para todos, que há forte opressão sobre a natureza e a humanidade. Ou seja: temos um modelo de sociedade conivente com os abusos e opressões perpetuadas pelo neoliberalismo, agora acentuados no contexto pandêmico.

Logo, seguindo a realidade brasileira nos dias atuais – que tende a ir contra todo o belíssimo trabalho de Paulo Freire – devemos defender a educação crítica e libertadora, que traz reflexões sobre o contexto vivido de forma dialógica, horizontal e empática (Freire, 1968), assim promovendo possibilidades de libertação das amarras do ciclo da opressão. Esse ciclo, se não quebrado por ideais progressistas em prol de uma educação igualitária, humanizada e libertadora, tende a formar futuros opressores, criando um ciclo vicioso, ainda vigente no sistema educacional. Com o objetivo de quebrar o ciclo da opressão, o educador precisa introduzir a realidade social de cada indivíduo no processo educativo, desenvolvendo uma consciência do papel social inicialmente oprimido, e futuramente opressor. Nada disso é simples e fácil. Paulo Freire mesmo sofreu ao longo de suas andanças, seja o exílio na época da ditadura, seja as barreiras intransponíveis do sistema enfrentado como secretário da educação da prefeitura de São Paulo. Mesmo assim, sempre enfrentou o sistema por meio de seus ideais.

Assim, temos esperança de poder continuar propagando a educação freiriana como forma de resistência á crise da pandemia da covid-19, e na prevenção ou retardo de futuras pandemias que poderão atingir a humanidade.

A luta por um futuro já conhecido a priori prescinde de esperança. A desproblematização do futuro, não importa em nome de que, é uma ruptura com a natureza humana, social e historicamente constituindo-se. O futuro não nos faz. Nós é que nos refazemos na luta para fazê-lo. (Freire, 2000, p. 27).

É com essa intenção de seguirmos na luta para (re)fazer o futuro que voltamos á Paulo Freire. Se o legado deixado pelo patrono da educação brasileira é que devemos lutar pela vida e não contra a vida, é esse legado que pretendemos manter para deixá-lo também ás gerações futuras. O caminho é longo, complicado e difícil. Implica resistir aos ataques por meio da educação. Sem a educação, nada nos resta.

Considerações finais

Ao se analisar as complexidades do momento da pandemia da covid-19, percebemos, primeiro, que a interferência humana na natureza, de forma exagerada, acaba por trazer consequências sociais que, como no caso da pandemia, podem atingir níveis

catastróficos. Tratando a covid-19 como uma zoonose e percebendo o alto índice desse tipo de enfermidade presentes nas doenças que assolaram as pessoas na história, é notório que devemos alterar a forma como a humanidade se porta diante a natureza, a fim de evitar possíveis futuras consequências negativas como, por exemplo, uma nova pandemia. Mas, é o próprio sistema neoliberal que protagoniza a degradação ambiental, o que acaba resultando em diversos desastres socioambientais (e não há como negar que a pandemia da covid-19 é um desses desastres, e dos grandes) que acabam por atingir de forma mais cruel as classes desfavorecidas.

Ao seguir uma lógica de concentração de rendas em momentos de desastre, os agentes do sistema político-corporativista devem ser colocados como opressores de uma sociedade oprimida, assim trazendo uma relação oprimido-opressor que deve ser explorada em uma educação freiriana, diretamente atacada por propostas como a “Escola Sem Partido”, evidenciando o nefasto interesse por uma educação que prescinde do senso crítico-libertador e se interessa pela perpetuação do ciclo da opressão, tão criticada por Freire.

Utilizar dos ensinamentos sociais trazidos pela covid-19 – que desmascaram a crueldade do sistema vigente na atualidade – é essencial para que a chama da esperança não se apague, já que pela educação freiriana, trazemos a possibilidade de libertação das amarras do ciclo da opressão. Apenas libertos, poderemos caminhar para a utopia: um mundo cada vez mais justo e menos desigual, com uma interação humano-natureza que segue o princípio da não-dualidade e sim da integralização. Seguindo essa lógica, doenças como a covid-19 podem ser evitadas e, ao compreender a importância de se aplicar os direitos humanos, seguindo como princípio a empatia, tanto defendida por Freire, podemos diminuir as consequências negativas, caso algum desastre como o que estamos vivendo se torne realidade futuramente. É preciso, então, assim como Paulo Freire nos ensinou, manter viva a esperança na humanidade.

Referências

- Alencar Jr, O. G. (2021) Crise Global e a necropolítica do governo Bolsonaro em tempos de pandemia. *Ciências Sociais Unisinos*, 56 (3), 266-276
- Boschetti, I., Behring, E. R. (2020). Assistência Social na pandemia da covid-19: proteção para quem? *Serv. Soc. Soc.*, 140, 63-83
- Bravo, O. A. (2020) *Las nuevas derechas: Un desafío para las democracias actuales*. Cali, Colombia. Editorial Universidad Icesi
- Calais, B. (2021). *Brasil tem 10 novos bilionários no ranking de 2021*. Forbes, acesso em 25 abril 2021, de <https://forbes.com.br/forbes-money/2021/04/brasil-tem-10-novos-bilionarios-no-ranking-de-2021/>
- Cambricoli, F. (2020). Porque o novo coronavírus se espalhou muito mais rápido do que o vírus da Sars? *Estadão*, acesso em 26 abril de 2021, de <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,por-que-o-novo-coronavirus-se-espalhou-muito-mais-rapido-do-que-o-virus-da-sars,70003191640>
- Campello, L. G. B. (2020) O direito fundamental á saúde na intersecção da crise ambiental com a pandemia da covid-19. *Revista Jurídica*, 5(62), 596-534
- Caponi, S. (2020). Covid-19 no Brasil: entre o negacionismo e a razão neoliberal. *Estudos avançados*, 34(99), 209-223
- Córdoba-Aguilar, A., Ibarra-Cerdeña, C. N., Castro-Arellano, I., Suzan, G. (2021) Tackling zoonoses in a crowded world: Lessons to be learned from the COVID-19 pandemic. *Acta Tropica*, 214, 1-4
- Costa, S. S. (2020). Pandemia e desemprego no Brasil. *Rev. Adm. Pública*, 54(4), 969-978
- Dickmann, I., & Carneiro, S. M. (2012). Paulo Freire e Educação ambiental: contribuições a partir da obra *Pedagogia da Autonomia*. *Revista de Educação Pública*, 21(45), 87-102.
- Dominguez, B. (2021) Guerra por vacinas: pandemia de covid escancara contradições da saúde global, com países ricos vacinando e países pobres em espera. *Comunicação e Saúde*, 222, 20-25.
- Freire, P. (1968). *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra
- Freire, P. (2000). *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: Editora UNESP. ISBN 85- 7139-291-2
- Freire, P. (2002). *Pedagogia da Autonomia*. Santa Efigência: Editora Paz e Terra

- Goes, E. F., Ramos, D.O., Ferreira, A. J. F. (2020) Desigualdades raciais em saúde e a pandemia da Covid-19. *Trabalho, Educação e Saúde*, 18(3), 1-7
- Klein, N. (2007). *A doutrina do choque: a ascensão do capitalismo de desastre*. Lisboa: Smartbook
- Lima, L. C. (2020). O castigo de Erisícton: Repensando o animal como objeto de consumo de carne, para um mundo pós-pandêmico. *Revista Direitos Fundamentais e Alteridade*, 4(2), 83-111,
- Loff, M. (2019). “O bolsonarismo é o neofascismo adaptado ao Brasil do século 21”. *Agência Pública*, acesso em 25 abril de 2021, de https://apublica.org/2019/07/o-bolsonarismo-e-o-neofacismo-adaptado-ao-brasil-do-seculo-21/?fbclid=IwAR2GkWedPYTleCqVpuZ6AM0MI1yACKmiG0WbNgSWrnr6EZB7mOI99K0_NAE
- Luci, M.S. (2014). O subimperialismo, etapa superior do capitalismo dependente. *Tensões Mundi*, 10(18-19), 43-65
- Mateus, E. F. (2009). *Animais á Mesa. Zoonoses e Estratégias no Consumo de Carne* (Tese de Mestrado). Universidade de Lisboa, Portugal.
- Melo, D. (2019) Bolsonaro, fascismo e neofascismo. In *Marx e o Marxismo 2019: Marxismo sem tabus - Enfrentando opressões, Anais do Marx e o Marxismo*, 1, 1-11.
- Nakaoshi, I. L., Vasques, F. R., Fortunato, I. (2021) Paulo Freire e seu legado para a utopia na educação ambiental. In: Rodriguez, M. E. & Vásquez, H. M. *Paulo Freire. El andariego de la Utopía*. Durango: Instituto Universitario Anglo Español [no prelo]
- Nascimento, R. Z., Vieira, A. C. S., Lima, V. V. R. S. S. L., Torrezan, B. K., Torres, B. V. S., Mendonça, K. S., Moraes, M. O., Tavares, M. B. (2021). Environmental and its spread of COVID-19. *Brazilian Journal of Development*, 7(1), 6888-6900
- Nun, J. (2020) O que não se diz sobre o Coronavírus. *Jornal da USP*, acesso em 26 abril de 2021, de <https://jornal.usp.br/artigos/o-que-nao-se-diz-sobre-o-coronavirus/>
- Nunes, J. (2020). Thematic section: Covid-19 - public health contributions. *Reports in Public Health*, 36(5), 1-4
- Pavel, F. (2020). Em que casa fico? Reflexões acerca do direito á cidade e á habitação em tempos de Covid-19. *Centro de Estudos Geográficos*, 114, p. 203-206

- Rosário, L. (2020). *A Necropolítica Genocida de Bolsonaro em tempos de Pandemia e o Projeto Ultra-Neoliberal*. *Rev. Interd. em Cult. e Soc. (RICS)*, 6(2), 28-49
- Santos, G. V. (2020) Governo Bolsonaro: o retorno da velha política genocida indígena. *ANPEGE*, 16(29), 426-457
- Santos, M. P. A., Nery, J. S., Goes, E. F., Silva, A., Santos, A. B. S., Batista, L. E., Araújo, E. M. (2020). População negra e Covid-19: reflexões sobre racismo e saúde. *Estudos Avançados*, 34(99), 225-243
- Schuck, C., Ribeiro, R. (2015). Comendo o Planeta: Impactos Ambientais da Criação e Consumo de Animais. *Sociedade Vegetariana Brasileira*, 3, 5-66
- Silva, A. F. C., Lopes, G. (2020) A pandemia de novo coronavírus e o Antropoceno. *Agência Fiocruz de Notícias*, acesso em 28 abr. 2021, de <https://agencia.fiocruz.br/pandemia-de-novo-coronavirus-e-o-antropoceno#:~:text=Esta%20ideia%20difusa%20mas%20amplamente,n%C3%A3o%20por%20processos%20biogeof%C3%ADsicos%20intr%C3%ADnsecos>
- Silva, I. G., (2018) Estado e lutas sociais no Brasil no golpe de 2016: O estado de exceção avança. *Revista de políticas públicas*, 22, 503-517
- Welle, D. (2020) OMS contradiz EUA e diz que novo coronavírus tem origem animal. *Poder 360*, acesso em 28 abr. 2021, de <https://www.poder360.com.br/coronavirus/oms-desmente-eua-e-diz-que-novo-coronavirus-tem-origem-animal-dw/>